

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ECONOMIA DE ARAPUTANGA-MT

Vanusa Irene Xavier **SANTOS**

Mestranda em Geografia (PPGGEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Evaldo **FERREIRA**

Docente do Curso de Graduação e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO),
da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

E-mail: evaldoferreira@globo.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo contextualizar os períodos econômicos vivenciados no município de Araputanga, localizado na mesorregião Sudoeste Mato-grossense, a partir de um comparativo com os períodos econômicos que nortearam a economia brasileira dos séculos XV ao XVIII, durante o processo de colonização, partindo da analogia de que a formação do município de Araputanga vivenciou o mesmo processo dos quatro períodos econômicos no século XX: madeira, agricultura, mineração e pecuária bovina, fomentando a economia local. A análise foi realizada sob o prisma das principais atividades econômicas, apresentando os períodos locais com aqueles vivenciados no Brasil. A investigação utilizou da pesquisa qualitativa e foram realizadas leituras bibliográficas, investigação de documentos escritos particulares, públicos e entrevistas com 14 pessoas que vivenciaram os períodos econômicos. Observa-se que os períodos econômicos apresentados foram responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento econômico do município e por sua formação urbana e rural.

Palavras-chave: Araputanga-MT. Períodos econômicos. Fundadores. Não fundadores. Memória.

CONTEXTUALIZING THE ECONOMY OF ARAPUTANGA-MT

Abstract: This study aimed at contextualizing the old and current economic periods in the county of Araputanga, located in the southwestern mesoregion of Mato Grosso, in comparison to the economic periods of the Brazilian economy from the fifteenth to the eighteenth centuries, during the colonization, assuming an analogy that the formation of the county of Araputanga has gone through the same four economic periods in the 20th century: wood, agriculture, mining and cattle-raising, supplying the local economy. The analysis was performed relating the main local activities to those experienced in Brazil. The research used qualitative research and bibliographies, investigation of both private and public written documents and interviews with 14 people who experienced those economic periods. It is to be observed that the presented economic periods were responsible for the economic growth and development of the county as well as its urban and rural settlements.

Keywords: Araputanga-MT. Economic periods. Founders. Not Founders. Memory.

CONTEXTUALIZAÇÃO DE LA ECONOMÍA DE ARAPUTANGA-MT

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo contextualizar los períodos econômicos vivenciados en la municipalidad de Araputanga, ubicada en la mesorregión Suroeste Matogrossense, a partir de un comparativo con los períodos econômicos que han regido La economía de Brasil em los siglos XV al XVIII, durante la procesión de colonización, partiendo de una analogía de que la formación de la municipalidad de Araputanga vivenció el mismo proceso de los cuatro períodos econômicos em siglo XX: madera, agricultura, minería y ganadería bovina, que fomentó la economía local. El análisis se realizó bajo el prisma de las principales actividades econômicas, presentando los períodos locales con aquellos vivenciados em Brasil. La investigación utilizó la investigación cualitativa y se realizaron lecturas bibliográficas, investigación de documentos escritos, privados y públicos, entrevistas con 14 personas que los experimentaron a los períodos econômicos. Se observa que los períodos econômicos presentados fueron responsables por el crecimiento y el desarrollo económico del municipalidad y conseqüente por su formación urbana y rural.

Palabras clave: Araputanga-MT. Períodos econômicos. Fundadores. Non fundadores. Memoria.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos os períodos econômicos ocorridos em Araputanga-MT, foi necessário leituras bibliográficas sobre o processo de povoamento do município, sendo detectado seu início nos anos de 1950, sob os efeitos da política de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, conhecida como Marcha para o Oeste, que incentivava a interiorização do País, sendo que as terras devolutas eram ofertadas com valores irrisórios, alimentando o imaginário das pessoas, que caminhavam em marcha para o interior do Brasil, com o discurso Comtista de ordem e progresso (ALVES, 1997).

Entre os vários problemas sociais e econômicos do município de Araputanga, detecta-se a ausência de registros da sua historicidade, que culminou com o objetivo geral da presente pesquisa, na qual buscou-se contextualizar os períodos econômicos vivenciados pelo município desde o início de seu povoamento, na década de 1960, até os dias atuais.

Partindo deste direcionamento, justifica-se a necessidade desse artigo, visando construir um banco de dados do lugar, utilizando a memória das pessoas que acompanharam os períodos econômicos de Araputanga, ressaltando a contribuição dos cidadãos que cooperaram de forma direta e indireta para a estruturação do município, construindo-se, desta forma, uma fonte de pesquisa para aqueles que almejam conhecer os períodos econômicos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo dessa pesquisa refere-se a identificação dos períodos econômicos do município de Araputanga, para alcançá-lo foram realizadas leituras bibliográficas, buscando documentos escritos, revistas com históricos publicados sobre a cidade, acervos da Igreja Católica, particulares, acervos do Centro Histórico, Educação e Cultura (CHEC), da Prefeitura Municipal, privilegiando fotos e entrevista, além de realizar 13 entrevistas com pessoas que vivenciaram os diferentes períodos econômicos do município, e um depoimento coletado do banco de dados de Alves e Sousa (2008), totalizando 14 pessoas. As entrevistas aconteceram nos meses de julho e agosto de 2016, quando os entrevistados – aqui chamados de fundadores, para os que chegaram ao município antes de sua emancipação, em 1979, e não fundadores, o que se mudaram para Araputanga após seu desmembramento político e administrativo de Mirassol D'Oeste – foram visitados pela pesquisadora e se dispuseram a relatar suas vivências nos diferentes períodos. As entrevistas iniciavam-se com o ano em que cada entrevistado chegou ao município e conseqüentemente qual era a maior fonte de renda nesse período. Mediante as respostas, buscou-se um diálogo onde o entrevistado relatava sobre o determinado período econômico, suas contribuições e desvantagens no desenvolvimento da cidade.

Todas as entrevistas aconteceram nas residências dos entrevistados e foram relatadas oralmente ou por escrito. A formação do município de Araputanga se fortaleceu em decorrência dos períodos econômicos que nortearam a sua economia e construção, gerando renda e proporcionando a fixação do povoado.

A memória dos entrevistados foi uma das fontes de identificação dos períodos econômicos ocorridos no município de Araputanga em confronto como a história científica, como ressalta Pollak (1992) “[...] a memória deve ser entendida [...] como um fenômeno coletivo, social, ou seja, construindo coletivamente.

Há de se ressaltar que as memórias relatadas pelos entrevistados não significam necessariamente a realidade concreta dos fatos, uma vez que o estudo da memória coloca o orador como protagonista daquilo que narra, havendo, portanto, versões e visões diferentes conforme o ator entrevistado.

Os entrevistados assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE) e autorizaram sua divulgação.

A economia brasileira, no decorrer dos séculos, oscilou com produtos que estiveram presentes nas relações comerciais e, conforme a demanda no comércio

mundial, as mercadorias eram produzidas em grande escala. De uma certa forma, o mercado mundial sempre influenciou na produção nacional (PRADO JUNIOR, 1993).

Baseando em um comparativo dos ciclos econômicos que nortearam a economia brasileira dos séculos XV ao XVIII, durante o processo de colonização, percebeu-se que a formação do município de Araputanga vivenciou o mesmo processo dos quatro ciclos econômicos no século XX: madeira, agricultura, mineração e pecuária bovina, fomentando a economia local. Assim, por analogia, o presente artigo busca apresentar a formação do município de Araputanga, sob o prisma das principais atividades econômicas, contextualizando os ciclos locais com aqueles vivenciados no Brasil durante sua colonização.

Bampi (2017) diz ser possível identificar esses ciclos na economia do Brasil:

Tais ciclos possuem relação direta com os modelos de política que o País adotou para si, por força de suas políticas econômicas ou mesmo sob a influência de políticas econômicas internacionais, comandados por sistemas centralistas, assim como os ciclos locais tem relação com as políticas econômicas nacionais. Numa obra realidade espaço-temporal os ciclos se sucederam no município, produzindo o espaço geográfico numa dinâmica de humanos, fauna e flora sobre o território, o que implicou na realidade que se apresenta atualmente (BAMPI, 2017, p. 2).

Para Santos (2004), uma das divisões cronológicas mais aceitas sobre os períodos econômicos do Brasil é a de Prado Junior (1993) onde propõe oito momentos:

[...] a) preliminares (1500-1530); b) a ocupação efetiva (1530-1640), definida pelo início da agricultura e suas atividades acessórias; c) a expansão da colonização (1640-1770), marcada pela mineração e ocupação da região Centro-Sul, a pecuária e o povoamento do Nordeste e colonização do vale amazônico e a colheita florestal; d) o apogeu da colônia (1770-1808), com o renascimento da agricultura e a incorporação do Rio Grande do Sul para a atividade pecuária; e) a era do liberalismo, entre 1808 e 1850, determinada pelo declínio do pacto colonial e o aparecimento do capitalismo industrial; f) o império escravocrata e a aurora burguesa (1850-1889), caracterizada pela evolução agrícola, um novo equilíbrio econômico, a decadência do trabalho servil e sua abolição, a imigração e a colonização; g) a república burguesa (1889-1930), com dois subperíodos - a industrialização e o imperialismo - e, por fim, h) a crise de um sistema a partir de 1930 (SANTOS, 2004, p. 25).

Entretanto, Santos (2004) discorda veementemente da questão dos ciclos, tendo em vista a noção de que representa algo com começo, meio e fim; por isso o autor sugere que se trabalhe com períodos econômicos.

Apesar de concordar com Santos (2004), tendo em vista que as atividades econômicas no Brasil, bem como no município de Araputanga, ocorriam de forma concomitante, todavia em maior ou menor grau de produção, quando Prado Junior (1993) refere-se a ciclos está retratando a principal atividade econômica daquele período. Nesse contexto, a presente pesquisa utilizará da expressão ciclos para identificar os diferentes períodos em que certa atividade econômica predominava no município.

O PERÍODO DA MADEIRA

O primeiro período econômico brasileiro foi o de madeira. Desde o século XV, o Brasil tem sido alvo de grande exploração de suas florestas. Segundo Prado Júnior (1993), os portugueses ao desembarcarem no País no século XV confrontaram com um povo vivendo como nômades, considerados por eles “selvagens”, convivendo com uma natureza muito farta. As espécies vegetais aqui eram diversas, detectando na costa litorânea uma da qual se extraía uma tinta que era muito utilizada para tingir tecidos: pau-brasil. Por causa dessa madeira a colônia recebeu o nome de Brasil.

Esse período não provocou muito desenvolvimento econômico para o Brasil e não ocorreu muitas melhorias na Colônia porque o objetivo era retirar a madeira. “Os traficantes se aproximavam da costa, escolhendo um ponto abrigado e próximo das matas onde se encontrava a essência procurada, e ali embarcavam a mercadoria que lhes era trazida pelos indígenas” (PRADO JUNIOR, 1993, p. 25)

Em Araputanga, ocorreu um processo similar ao modelo do Brasil na retirada da madeira nobre. Com a chegada dos fundadores inicia-se o processo de exploração, destruição da vegetação, alterando a paisagem, é o que relata Alves e Sousa (2008), em uma entrevista a José Damião, que a região de Araputanga abrigava uma enorme variedade de espécies vegetais, sendo mais explorado o mogno, conhecido como Araputanga, expondo que o senhor Sidney buscava essa madeira e levava para ser comercializada na cidade de Cáceres, pois não existia serraria comercial no município, somente uma particular, de propriedade de Shiguemitsu Sato.

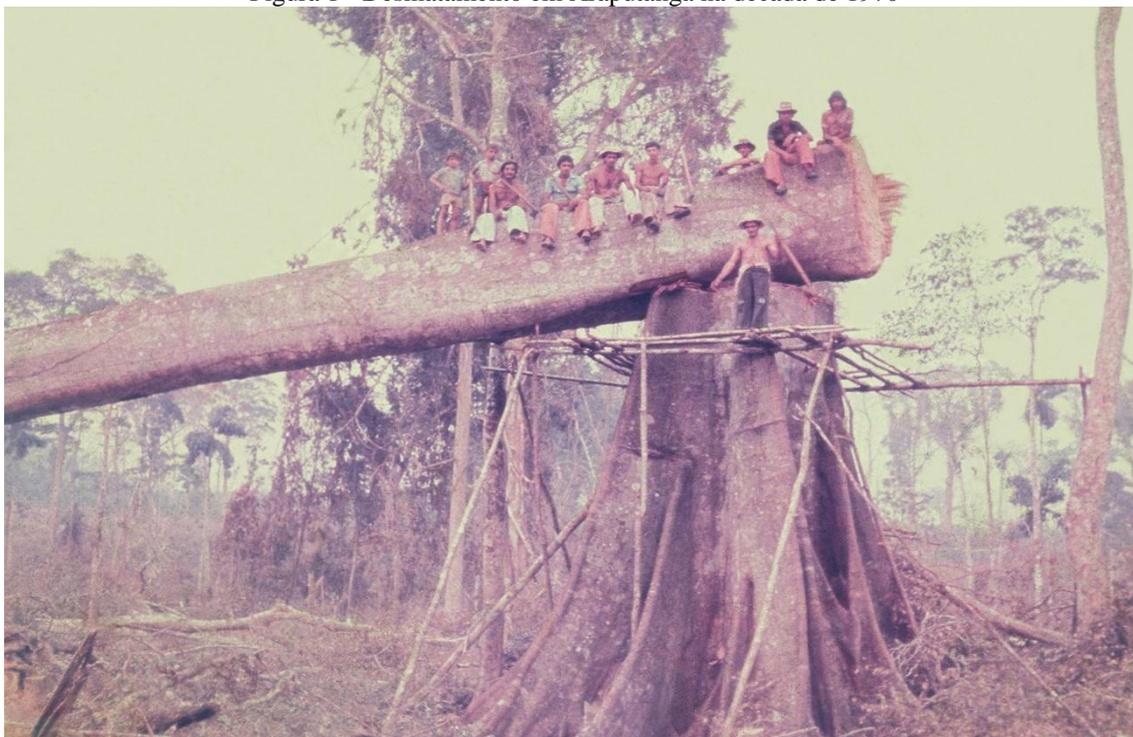
Existe semelhança na retirada da madeira de Araputanga com a exploração de madeira no Brasil. No município de Araputanga, a maior parte do lucro desse período ia para os madeireiros que residiam em outras cidades, enquanto no Brasil os lucros iam para a Coroa Portuguesa. Ou seja, a população local não lucrou com esse período econômico.

A madeira pau-brasil como fonte de renda brasileira entra em decadência no final do século XV porque a exploração perdeu o interesse, devido à pouca demanda na Europa e ao mesmo tempo encontraram outros atrativos econômicos no Brasil, a exemplo o solo de massapê e o clima adequado ao cultivo de produtos tropicais, em especial a cana de açúcar no século XVI. O resultado dessa exploração desenfreada da madeira foi um vazio nas matas costeiras: Bioma da Mata Atlântica (PRADO JUNIOR, 1993). Já em Araputanga a própria extinção da madeira provocou a decadência desse período econômico. Os biomas do município de Araputanga, Amazônia e Cerrado, também foram alterados, sendo substituídos por lavouras agrícolas (FERREIRA, 1997).

Conforme Florisvaldo Pereira Trindade¹ a diversidade de espécies vegetais em Araputanga fez atrair serrarias para o município sendo que ele próprio trabalhava nesse desmatamento conforme mostra a Figura 1.

Quando cheguei nesse município, a madeira era sua maior renda, onde o processo de extração era rudimentar, utilizava traçador, machado e faziam girau, porque o tronco era grosso e as raízes catanas espalhadas, não tinha motosserra, esse só chegou em Araputanga em 1973, era tudo na força. (FLORISVALDO PEREIRA TRINDADE).

Figura 1 - Desmatamento em Araputanga na década de 1970



Fonte: CHEC (2016)

O trabalho utilizado no desmatamento era braçal, devido ausência de máquinas nesse período, sendo pouco remunerado, porém, derrubar as árvores maiores para muitos era sinônimo de troféu, era preciso registrar para comprovar. Em Araputanga o desmatamento trouxe pontos positivos e negativos como narra o entrevistado:

Positivos: a madeira serviu para construir as casas e os móveis do povoado. Negativos: As fazendas derrubavam e queimavam tudo que viam pela frente e hoje não existem mais nada, aumentando o calor na cidade. Aqui, antigamente fazia tanto frio que os dedos enrolavam e tinha de desenrolar para cortar a árvore. Era muito frio dentro das matas e aqui tinha muita mata, era lindo de ver. (FLORISVALDO PEREIRA TRINDADE).

Florisvaldo Pereira Trindade ainda relata que a mão de obra utilizada para essa prática extrativista era local, cortando árvores grossas, sendo que duas delas já davam 4 a 5 m³ de tora, existindo naquela época muitas espécies: mogno, peroba, cedro, ipê roxo, ipê amarelo, garapa, branquilha. Relata ainda que a madeira também era utilizada para construir moradias, onde

derrubavam o abrobrão ou a mamica para fazer a casa e o telhado. Muitas dessas madeiras também foram utilizadas para fazer os móveis de casa: mesa, cama, cadeira, banco, etc.

Mesmo com a decadência desse período econômico no Brasil, o desmatamento perdura na atualidade. Alguns estados brasileiros retiravam parte de seu Produto Interno Bruto (PIB) da extração da madeira, como é o caso de Rondônia, que iniciou sua extração na década de 1980, com participação de 50% das indústrias madeireiras no PIB daquele Estado. Isso vem provocando uma escassez de madeira (FERRONATO; NUNES, 2010). Porém, os autores declaram que o desmatamento também acontece por causa das atividades agropecuárias.

O comércio da madeira em Araputanga se estendeu por vários anos, e boa parte do produto final ia para outros estados, como relata o entrevistado:

O mogno era tirado e ia para o estado do Espírito Santo, aqui cortava e explanava, ela saía bruta, sem ser serrada, carregada bruta. Tinha tanto mogno que os fazendeiros construíam a sede com ela e as casas dos funcionários de branquilha, tanto as paredes quanto o teto (FLORISVALDO PEREIRA TRINDADE).

Shiguemitsu Satoⁱⁱ reforça que a existência de mata no início da década de 1960 era tanta que nem mesmo os fundadores tinham noção do seu alto valor econômico. As serrarias a cada ano aumentavam em quantidade e produção. “Cáceres recebeu a instalação de uma serraria de alemães, Carlos Culeque era o gerente geral. Sua localização era próxima à ponte do rio Paraguai, chamada de Serraria Cáceres”. Instalou-se nessa cidade para atender toda a região:

Mata pura, tinha figueira e bacuri, eram madeiras não nobres, não tendo o mesmo valor que o mogno. Tinha uma serraria serra a fita. Os alemães instalaram duas serrarias serra a fita em Cáceres e exportavam toda a madeira para Alemanha e Estados Unidos. Os japoneses de Araputanga não conseguiram realizar essa exportação. Era tanta madeira que era comum fazer paiol para guardar o milho de mogno. (SHIGUEMITU SATO).

O desmatamento na Amazônia teve início na década de 1960, puramente de caráter desenvolvimentista, ou seja, baseada numa política de crescimento tanto na produção industrial quanto na infraestrutura com parceria ativa do Estado com objetivo de ligar a Amazônia com o restante do Brasil, incentivando a população brasileira a migrar para essa região, concedendo créditos com juros negativos e incentivos fiscais para implantação de áreas agrícolas, aumentando a população e o desmatamento dessa região (ARRAES, et.al. 2102). Outro bioma predominante no município de Araputanga é o Cerrado, correspondendo o segundo maior bioma do Brasil, ocupando 21% do território brasileiro, sendo também muito desmatado para cultivo agrícola e pastagem. Nos últimos 35 anos mais da metade de seus 2 milhões de km² foram destruídos (KLINK; MACHADO, 2005).

Francisco Sobrinho Xavier relata que existia muitos animais selvagens na mata, principalmente a onça pintada. Era muito comum no início do povoamento de Araputanga, sendo considerados ameaçadores, o seu destino quase sempre era a morte (ALVES; SOUSA, 2008).

Durante a prática do período da madeira em Araputanga desenvolveu-se paralelamente outro período, o da agricultura. A princípio essa atividade econômica era somente para fins de subsistência, com o esgotamento da madeira passou a ser comercial, sendo o segundo período econômico desse município.

O PERÍODO DA AGRICULTURA

Os portugueses já conheciam parte do território brasileiro devido às explorações do pau-brasil na região litorânea. A faixa de terra no litoral nordestino apresentava características climáticas de quente e úmido (Clima Tropical Úmido) e um solo muito fértil conhecido como massapê, acarretando condições naturais para a prática da agricultura, principalmente a cana de açúcar. A escolha desse produto se deve também ao seu alto valor econômico na Europa (PRADO JUNIOR, 1993).

Araputanga passa por algo muito similar ao Brasil ao referirmos a instalação da agricultura nesse município. Devido a diminuição das madeiras nobres no povoado foi introduzido na década de 1970 o cultivo de vários produtos agrícolas não só como subsistência, mas com objetivo de atender o comércio brasileiro. David Nogueiraⁱⁱⁱ diz que a agricultura está presente nesse município desde o início do povoado, era praticada como forma de subsistência, produziam produtos para a própria alimentação arroz, feijão, mandioca, banana, amendoim, etc. Conforme o desmatamento aumentava, também elevava as áreas agrícolas. “A agricultura era forte, mas existia ainda a exploração da madeira”. O processo para a prática econômica era rudimentar, devido à falta de máquinas:

Tudo manual, não existia máquina para ajudar o homem a plantar e nem colher, sendo cultivados da forma rudimentar, utilizavam a matraca, a foice, o machado, enxada, cutelo etc. Existiam as máquinas de arroz, feijão e café eram as mesmas para seu beneficiamento. (DAVID NOGUEIRA).

Prado Junior (1993), afirma que as condições naturais do Brasil favoreceram a exploração de suas terras utilizando as grandes propriedades, com técnicas rudimentares e mão de obra escrava. Conforme ocorria a expansão da agricultura a tecnologia ia sendo introduzida e aos poucos dispensando trabalhadores, provocando o desemprego no campo. Prado Junior

(1993) ressalta que “A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de grande valor comercial, e por isso altamente lucrativo [...]” (p. 34).

É importante ressaltar que a agricultura de Araputanga foi praticada com trabalhadores do próprio povoado, utilizando capital do lugar de origem. A policultura predominava, vendia-se os excedentes dessa produção para comprar o que não era produzido: “Geralmente os moradores traziam uma economia, compravam produtos da Tabuleta, Porto Esperidião e Cáceres. Trabalhavam de empreiteiros e já cultivam arroz, milho, feijão e café. Vendiam esses produtos em Cáceres”. (SHIGUEMITU SATO).

De acordo com Alvino Alves de Moraes^{iv}, no município de Araputanga havia diversidade nas lavouras como: arroz, feijão, milho e café. Um dos maiores obstáculos dessa prática era a falta de infraestrutura, existiam muitas dificuldades para transportar a produção, devido à qualidade das estradas.

Não podemos deixar de ressaltar que tanto a agricultura brasileira quanto a mundial passaram por inúmeras transformações depois da 2ª Guerra Mundial, ou seja, uma forte modernização no campo, conhecida como Revolução Verde^v, pela qual a população mundial aumentava e a população do campo sofria um decréscimo (NUNES, 2007).

Esta modernização efetivou-se nas regiões Sul, Sudeste e Centro - Oeste, concretando principalmente na monocultura para exportação, como exemplo podemos citar a soja. Nas regiões Norte e Nordeste predominam a policultura alimentícia. É visível que a modernização traz também impactos negativos, em que os agricultores latifundiários aumentam a monocultura para exportação e reduzem as áreas ocupadas para o cultivo de produtos internos (AGRA; SANTOS, s/d).

Tal modernização não atingiu com a mesma intensidade os municípios do Estado do Mato Grosso, sendo de uma forma bem gradativa, é o que descreve o entrevistado David Nogueira^{vi}. A Figura 2 mostra a máquina de beneficiamento do entrevistado.

Figura 2- Máquina de beneficiamento de David Nogueira- Avenida Castelo Branco - Início da década de 1980



Fonte: CHEC (2016)

A agricultura corresponde a quase 9% do PIB do Brasil, empregando 14% da população economicamente ativa, o setor de exportação cresceu a partir dos anos de 1990, devido ao aumento de agroindústrias no mercado mundial, tendo fusões de várias empresas do setor agropecuário (NUNES, 2007). Conceição e Conceição (2014) reforçam que o agronegócio a cada ano que passa ganha força nas exportações brasileiras, representando em torno de 40% do comércio internacional, tendo um faturamento de US\$ 100 bilhões em doze meses.

Houve um aumento da produção, assim como um aumento dos espaços cultivados como, por exemplo, o Cerrado, fazendo com que o Brasil se tornasse nesses últimos 20 anos um dos maiores produtores agrícolas do mundo, principalmente no milho e na soja, cujos produtos estão relacionados com proteína animal para exportação. Contudo, para Alves, et al. (2005) essa modernização não atingiu todos os agricultores e nem todas as regiões do Brasil. Alguns produtores conseguiram acumular capital com as exportações e investiram na tecnologia, alguns financiaram essa modernização, enquanto outros foram excluídos desse processo por falta de capital e de crédito.

Esse período econômico foi rentável ao município, oferecendo emprego e circulação de dinheiro em Araputanga.” Dava giro e um ganho razoável, mas quem mais lucrava não era quem plantava, porque a maioria dos agricultores eram arrendatários” (DAVID NOGUEIRA).

Devido às grandes oscilações no valor econômico dos produtos agrícolas e às dificuldades em comercializar esses produtos, os agricultores do município de Araputanga iniciaram a prática da pecuária bovina leiteira e de corte, que aos poucos foi crescendo e substituindo o período agrícola. Para efetivar essa economia houve a criação da Cooperativa Agropecuária do Oeste-MT Ltda, que tinha como papel principal industrializar a matéria prima (leite) e comercializar seus produtos. Mesmo com tantos esforços, a pecuária bovina não conseguiu efetivar-se, porque no final da década de 1980 descobre-se ouro em Rio Branco-MT e a sede dessa mineração instala-se em Araputanga, iniciando o período da mineração como principal renda para o município.

O PERÍODO DA MINERAÇÃO

Diferente da agricultura e da pecuária, a exploração dos minerais desde o século XVIII exigiu um cuidado bem maior. A Coroa Portuguesa controlava a exploração com uma fiscalização acirrada, pois era destinada à Portugal uma parcela bem significativa dos recursos explorados (PRADO JUNIOR, 1993). O ouro foi bastante explorado no território brasileiro,

principalmente o de natureza de aluvião, sendo encontrado no leito dos rios e em suas margens, utilizando mão de obra escrava. Mas, no final do século XVIII o ouro entra na fase de esgotamento, devido ao excesso em sua retirada e por ser de aluvião. Já a desvalorização do diamante aconteceu por causa da alta produção. Durante o Brasil Colônia foram encontrados muitos minerais principalmente nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás (ouro) e Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia (diamante). A mineração teve um papel muito importante na Colônia, estimulando grande fluxo populacional, despertando durante os séculos XVIII e XIX atenções da Coroa Portuguesa, o mesmo não acontecia com a agricultura e o pau-brasil (PRADO JUNIOR, 1993).

O povoamento do Estado do Mato Grosso, conforme Jesus (2012) teve início com a mineração na 2ª metade do século XVIII, em Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (Cuiabá na atualidade), onde foram descobertas lavras de ouro, a qual pertencia à Capitania de São Paulo. Pouco tempo depois descobrem ouro em Vila Bela da Santíssima Trindade. A região era habitada por muitos índios, fazendo fronteira com a província dos chiquitos, a partir das missões religiosas nessa localidade. De acordo com o autor, a produção do ouro em Mato Grosso era bem menor que em Minas Gerais, mas o fato de existir o ouro, acabou despertando o interesse econômico de Portugal.

Rezende Macedo^{vii} Teixeira descreve que Araputanga, nos anos de 1980, sobrevivia de lavoura agrícola e da pecuária bovina leiteira, mas a maior renda vinha da Mina Cabaçal e Mineração Manati, apesar do nome era uma só empresa, sendo ela a responsável pela exploração do ouro na região. Existiam outras mineradoras como a SETA e a Odorblex, sendo responsáveis pela pesquisa. O entrevistado ainda afirma que a pesquisa do solo em busca de minerais aconteceu antes da instalação da Mina Cabaçal e Mineração Manati no município de Araputanga: “O avião sobrevoou a região e soltou umas peças e depois vinha um pessoal no chão e averiguava se existia algum minério naquele espaço”.

Carlos Pascoal Santos em entrevista à Alves e Sousa (2008) expõe que para explorar o ouro no município de Rio Branco, no Estado de Mato Grosso, houve um longo processo que iniciou com a Empresa Doce Mel, subsidiária da Companhia da Vale do Rio Doce, sobrevoando também a região de Araputanga a Pontes de Lacerda nos anos de 1975/76 e constataram a existência de minérios, mas a empresa não se interessou. Já nos anos de 1980/82 a empresa britânica Blitz Petróleo instalou-se no Brasil com objetivo de explorar os minérios existentes, para isso contrataram técnicos que já tinham pesquisa de mapeamentos geológicos concretos e esses apresentaram o mapeamento da região de Araputanga. Partindo desse ponto, os geólogos retornaram à região e iniciaram novamente a pesquisa e descobriram ouro nas redondezas de

Araputanga. Para que a empresa Blitz explorasse o minério teria que se associar às empresas nacionais, por isso a mesma uniu-se a dois grupos: Roberto Marinho e Monteiro Aranha, surgindo assim a Mineração Santa Martha, através dela surgiram outras mineradoras, onde ela simplesmente emprestava o seu nome (ALVES; SOUSA, 2008).

Conforme Miguel Henrique Sobrinho^{viii}, em dois anos de pesquisa (1975 e 1976) descobriram os minerais no município de Rio Branco. Foram encontrados em terra firme, portanto, o ouro foi o mais abundante e explorado, além dele existia a prata e o cobre, também retirados, só que em menor quantidade, sendo também encontrado o chumbo, zinco e bismuto, pouquíssimo explorado. A empresa empregava mais de mil funcionários, onde tinha mão de obra local de municípios vizinhos como Rio Branco, São José dos Quatro Marcos e Mirassol D'Oeste. “Tinha ônibus que buscavam os funcionários todos os dias”. A cidade recebeu muitos trabalhadores da região Nordeste, os encarregados geralmente vinham de Minas Gerais e Rio de Janeiro (o mesmo sediava a central da Mina do Cabaçal e Mineração Manati (MIGUEL HENRIQUE SOBRINHO).

Alves e Sousa (2008), relatam que Carlos Pascoal Santos em sua entrevista afirma que no ano de 1986 a mineração Santa Martha inicia a exploração do ouro em Araputanga, utilizando a Mina do Cabaçal e Mineração Manati como empresa responsável, onde a mesma ocupava uma área de 1 km dentro da fazenda São Paulo, que pertencia ao município de Rio Branco, alterando a paisagem do lugar, principalmente com a circulação de pessoas. A cidade de Araputanga não tinha infraestrutura para receber novas famílias, então, a empresa da Mineração Manati contribuiu construindo casas, escola, asfaltou ruas, incentivou o lazer ao melhorar o espaço físico do Clube Olímpico etc (ALVES; SOUSA, 2008). O mesmo entrevistado Carlos Pascoal Santos, declara que em outubro de 1986, inicia a abertura da mina subterrânea, onde encontravam vários minerais, mas o alto valor do ouro fez com que este fosse o carro chefe desta mineradora.

Todo ouro explorado ficava em território nacional. Foram retiradas mais ou menos 10 toneladas de ouro e acreditavam que poderiam dobrar a produção, mas a empresa Blitz Petróleo tinha dívida com o Kuwait e vendeu sua parte para a empresa Rio Tinto Zinco (RTZ), passando a ser a dona da empresa Santa Martha. Contudo, a relação não era amigável com suas sócias Roberto Marinho e Monteiro Aranha, além disso, com a queda da produção na Mina Cabaçal e Mineração Manati, devido à paralisação das pesquisas, o inevitável aconteceu: a Mina do Cabaçal foi fechada, sua boca foi lacrada com concreto. O mesmo ressalta que o minério da região não foi todo explorado, sendo possível, no futuro, a instalação de outra mineração no município (ALVES; SOUSA, 2008).

Farias e Coelho (2002), relatam que o subsolo brasileiro é muito rico em reservas minerais, ao ser comparado com outros países, agrupando grupos de minerais metálicos, não metálicos e energéticos. No ano de 2000 teve uma parcela significativa de nióbio, ferro e rochas ornamentais. Segundo Pinheiro (2011) existem aproximadamente 3.354 minas no território brasileiro, proporcionando uma produção bem diversificada, contribuindo para a economia brasileira, onde muitos deles são exportados, principalmente o ferro e alguns importados: vanádio, potássio, enxofre, fosfato, carvão metalúrgico, etc.

Miguel Henrique Sobrinho afirma que mediante os benefícios adquiridos na cidade de Araputanga com a instalação da Minas Cabaçal e Mineração Manati, a população não questionava se decorria ou não impactos ambientais nessa Mineração. Essa Mina era de grande porte e fez altos investimentos para proteger o espaço explorado e trabalhava em sigilo. Os funcionários dos diferentes setores só conheciam seu espaço de trabalho, não tinham noção da magnitude da Mineração.

O entrevistado Raimundo Bezerra da Silva^{ix} indaga que o fechamento da Mineração Manati trouxe muitos prejuízos para a cidade, estagnou no tempo, não apresenta o mesmo ritmo no crescimento econômico, principalmente nas ofertas de emprego. O município é considerado repulsivo diante das dificuldades que atravessa, provocando a migração de moradores para outras cidades onde a oferta de emprego é maior. Enfatiza que mesmo tendo aumentado a população no período do funcionamento da mina, não existiam muita violência, sendo o álcool e o cigarro drogas ilícitas mais consumidas pela população. Já em se falando de impactos ambientais, nunca foram divulgados para a comunidade, muitas pessoas sequer foram na mina, nem quando estava funcionando e nem quando fechou, para ver os estragos causados na natureza. .

A Mina Cabaçal e Mineração Manati foi encerrando suas atividades mineradoras no município de forma gradativa, iniciando em 1991 e fechando oficialmente em 1992, porém a infraestrutura criada pela mesma permanece na cidade de Araputanga. O túnel foi lacrado e os equipamentos que interessavam foram retirados e o restante da estrutura permanece no local até a atualidade.

Os minérios da Minas Cabaçal e Mineração Manati foram retirados intensamente da natureza e aos poucos foram reduzindo-se, ao ponto de limitar drasticamente a produção. Mediante aos altos custos para exploração e pouco retorno financeiro, a empresa resolve fechar totalmente sua atividade em 1991. Enquanto diminua a produção mineral, a Cooperativa Agropecuária do Oeste-MT Ltda, ampliava suas relações comerciais dentro do Estado do Mato Grosso e fora dele. No final da década de 1980 é inaugurado o Frigoara que passa a depender

da matéria prima que também vinha da pecuária bovina. Com a ampliação dessas duas indústrias no município de Araputanga fortaleceu este período econômico, permanecendo até os dias atuais.

O PERÍODO DA PECUÁRIA BOVINA

Segundo Schlesinger (2010), a pecuária bovina começa a se desenvolver em território nacional no período Colonial juntamente com o cultivo da cana de açúcar. Os proprietários de engenhos utilizavam esse gado para contribuir na produção de açúcar nos engenhos. Houve um aumento do rebanho provocando prejuízos nas lavouras. Mediante a tantos estragos proibiram a criação desses animais no litoral brasileiro o que provocou sua entrada no interior do sertão nordestino, precisamente por volta do século XVII, sendo o rio São Francisco o maior colaborador para a prática econômica, fornecendo água aos animais e usando como meio de transporte.

Silva et al. (2012), confirmam que o gado bovino e outros animais foram trazidos para América do Sul no período das grandes navegações, saindo da península Ibérica, da ilha de Cabo Verde e ilha dos Açores. A maior parte do rebanho era gado europeu e alguns mestiços, conhecidos como zebu. O desembarque aconteceu em Salvador, primeira capital do Brasil. Os próprios autores afirmam que a Corte Portuguesa incentivou a exportação do gado bovino para o Brasil, em especial para o estado da Bahia, no vale do rio São Francisco. De acordo com Domingos (2005), foi registrado em 2003 um grande crescimento na produção de carne bovina, passando de 4, 1 milhões para 7,6 milhões de toneladas, sendo aproximadamente 170 milhões de hectares de terras ocupada com essa atividade, onde as regiões Centro-Oeste e Sudeste são as maiores criadoras, praticadas em sua maior parte na forma extensiva.

A prática da pecuária bovina no Estado do Mato Grosso aconteceu como forma de efetivação da propriedade, dessa maneira praticada primeiramente no bioma do Pantanal, realizada de forma extensiva, favorecida pela pastagem natural. Essa atividade econômica possui, na atualidade, mais de 26 milhões de cabeças só no Estado do Mato Grosso. Sua introdução no Cerrado mato-grossense aconteceu no século XVIII, devido à necessidade da carne para os trabalhadores, porque em 1750 foi construído a estrada que ligava Cuiabá à Vila Boa de Goiás e fornecia carne também nas minerações do Estado (BONJOUR, et al. 2008).

O Estado do Mato Grosso tem como base econômica a agropecuária, sendo pioneiro na produção animal. Destaca não somente na pecuária bovina de corte com predominância da raça Nelore e leiteira com o Gir Leiteiro. É possível observar que no primeiro trimestre de 2013,

foram produzidos no Estado 130 milhões de litros de leite. Portanto, é possível constatar que muitos pecuaristas do Mato Grosso estão melhorando na qualidade da raça leiteira para aumentar a produção de leite.

Segundo Elizeu José de Macedo^x, a base econômica na atualidade no município de Araputanga é a pecuária bovina. Essa atividade econômica passou a ser praticada no município desde o início de seu povoamento, fortaleceu-se na década de 1980 com a implantação da Cooperativa Agropecuária do Oeste - MT e do Frigoara, mas no final dessa mesma década deixou de ser referência econômica devido à descoberta do ouro no município de Rio Branco – MT, mas a sede da mineração instalou-se em Araputanga.

Deolino Guimarães Alves^{xi} explica que a Indústria da Cooperativa Lacbom foi idealizado pelo padre Celso Ermínio Duca, sendo implantado o cooperativismo nesse município. A produção de leite do município é entregue em cidades vizinhas ou na Cooperativa Lacbom que paga em média R\$ 1,03 o litro, recebendo uma média diária de 150 mil litros de leite, mas a indústria suporta 200 mil litros diários. Alguns produtores, devido à baixa produtividade, faz queijo com o leite e vende na cidade de Araputanga.

Eliseu José de Macedo declara que o período da pecuária bovina iniciou como forma de subsistência, sendo praticada para o próprio sustento, porque, inicialmente, o forte da cidade era a agricultura e não existia cerca para dividir agricultura/pecuária, mas com a queda na produção agrícola a criação do gado bovino se expandiu. As raças predominantes no município são o Nelore e o Gir.

Luiz Antônio Milani^{xii} diz que a atividade econômica da pecuária bovina apresenta como vantagens pouca interferência da natureza na produção, as chuvas são bem regulares e na época da seca muitos utilizam silo para o trato do rebanho. Outra desvantagem dessa criação é o aumento do gás metano, erosão do solo, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto geral, observa-se que os quatro períodos econômicos vivenciados por Araputanga alavancaram seu desenvolvimento social e financeiro, fazendo com que este município se destacasse em cada período econômico no Estado de Mato Grosso. A economia de mercado determina estas flutuações.

O período madeireiro contribuiu para a chegada das primeiras famílias no povoado, iniciando o povoamento de Araputanga e a comercialização da mesma iniciou a economia local, ao mesmo tempo destruindo toda a floresta que envolvia essa comunidade, não respeitando nem

as matas ciliares. Devido ao desmatamento que ocorreu em todos os período econômicos a população na atualidade sofre com ausência de água potável.

Já o período da agricultura colaborou com a fixação das famílias, melhorando a qualidade de vida (renda per capita, educação e saúde) no povoado e sua comercialização gerou novos empregos urbanos e rurais. Em contrapartida acelerou o processo do desmatamento para cultivar produtos agrícolas. É importante destacar que as primeiras atividades agrícolas aconteceram em forma de roça tropical, utilizando junto com o desmatamento as queimadas para limpeza do terreno.

A contribuição do período da mineração foi bem mais holística, melhorando a infraestrutura da cidade, ofertando mais empregos, aumentando os salários na comunidade e as indenizações pagas aos proprietários das terras foram altíssimas. Apesar disso, o maior lucro foi para a referida empresa que explorou os recursos naturais, levando toneladas de ouro para outros estados e países para seu beneficiamento, sendo, os maiores impactos ambientais (túneis abertos no subsolo, conseqüentemente muitas erosões, desmatamento e extinção da flora e fauna).

O período da pecuária bovina trouxe a permanência de três empresas na cidade, Cooperativa Lacobom, Curtuara e Friboi, fornecendo empregos diretos e indiretos nas referidas indústrias, sendo reconhecidas a nível estadual e nacional pela comercialização de seus produtos. Em contrapeso, esse período econômico provocou o êxodo rural de muitas famílias, já que não necessita de muita mão de obra e sua prática provoca um desgaste no solo, além de acelerar os processos erosivos.

Em todos os períodos econômicos de Araputanga o capitalismo selvagem esteve presente, tendo em vista que o lucro estava acima de tudo, obedecendo fielmente à Lei do Mercado, enquanto a natureza no município foi se agonizando mediante tantas alterações ambientais.

Por outro, os períodos econômicos vivenciados foram responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento econômico do município. Para equilibrar esse processo o homem deveria ter respeitado mais a natureza, a harmonia poderia ter acontecido entre ambos, garantindo para as futuras gerações um ambiente saudável e conseqüentemente uma melhor qualidade melhor de vida ao ser humano.

Trabalho enviado em Janeiro de 2018
Trabalho aceito em Abril de 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Nadine Gualberto; SANTOS, Robério Ferreira dos. **Agricultura brasileira: situação atual e perspectivas de desenvolvimento.** Disponível em: <http://www.gpublic.info/sites/default/files/biblioteca/denru_agribrasil.pdf>. Acesso 10 mar. 2016.

ALVES, Eliseu; CONTINI, Elisio; HAINZELIN, Étienne. Transformações da agricultura brasileira e pesquisa agropecuária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília**, v. 22, n. 1, p. 37-51, jan./abr. 2005.

ALVES, Joana Darc Xavier. **História e Memória de Araputanga (1955-1980).** Araputanga: Gráfica Osca, 1997.

ALVES, Joana Darc Xavier; SOUSA, Isaías Soares. **Período de Colonização de Araputanga. Entrevistas transcritas no Centro Histórico de Educação e Cultura de Araputanga.** Araputanga: CHEC, junho/dezembro, 2008.

ARRAES, Ronaldo de Albuquerque e; MARIANO, Francisca Zilania; SIMONASSI, Andrei Gomes. Causas do Desmatamento no Brasil e seu Ordenamento no Contexto Mundial. **Rev. Econ. Sociol. Rural.** Brasília, v.50. n.1, Jan./Mar.2012.

BONJOUR, Sandra Cristina de Moura; FIGUEIREDO, Adriano Marcos Rodrigues; MARTA, José Manuel Carvalho. **A pecuária de corte no Estado de Mato Grosso.** 2008. Disponível em <<http://www.sober.org.br/palestra/9/519.pdf>>. Acesso 17 jul. 2016.

CONCEIÇÃO, Júnia Cristina Peres R. da; CONCEIÇÃO, Pedro Henrique Zuchi da. **Agricultura: evolução e importância para a balança comercial brasileira.** Brasília, mar. 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=22083>. Acesso 10 jul. 2016.

DOMINGOS, Ivens Teixeira. **Cenário atual da pecuária bovina de corte orgânica certificada na Bacia do Alto Paraguai (BAP) – Brasil.** [Pesquisa Técnica].Brasília: WWF-Brasil, v. 11. 2005.

FARIAS, Carlos Eugênio Gomes; COELHO, José Mario. **Mineração e meio ambiente no Brasil.** Outubro, 2002. Disponível em <http://www.cgee.org.br/arquivos/estudo011_02.pdf>. Acesso 14 jul. 2016.

FERREIRA, João Vicente. **Mato Grosso e seus municípios.** Cuiabá: Secretaria de Estado e Cultura,1997.

FERRONATO , Marcelo Lucian; NUNES, Reginaldo de Oliveira. A exploração ilegal de madeiras na terra indígena Sete de Setembro, Cacoal – RO. **Revista Científica Eletrônica FACIMEDIT**, Cacoal, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.facimed.edu.br/site/revista>>. Acesso 15 jul. 2016.

JESUS, Nauk Maria de. A capitania de Mato Grosso: história historiografia e fontes. **Revista Territórios & Fronteiras.** Cuiabá, v. 5, n. 2, jul./dez., 2012.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, v.1, n.1, Julho 2005. 9 p. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Texto_Adicional_ConservacaoID-xNOKMLsupY.pdf>. Acesso 14 jul. 2016.

NUNES, Sidemar Presotto. **O desenvolvimento da agricultura brasileira e mundial e a ideia de Desenvolvimento Rural**. Set/2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6272442-O-desenvolvimento-da-agricultura-brasileira-e-mundial-e-a-ideia-de-desenvolvimento-rural-1-sidemar-presotto-nunes.html>>. Acesso 13 jul. 2016.

PRADO, Junior Caio. **História Econômica do Brasil**. 40. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. Disponível em: <http://www.cancun2003.org/downloads/Texto_Gado_Boll_2009-4.pdf>. Acesso em 6 jul. 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social: Estudos Históricos**. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), vol. 5, n. 10, 1992, 200-212.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 6. ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHLESINGER, Sergio. **Onde pastar? O gado bovino no Brasil**. Rio de Janeiro : FASE, 2010. Disponível em <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2010/06/Onde-pastar.pdf>> Acesso 11 mai. 2016.

SILVA, Marcelo Corrêa da; BOAVENTURA, Vanda Maria; FIORAVANTI, Maria Clorinda Soares. História do povoamento bovino no Brasil central. **Revista UFG**, Ano XIII, n. 13, Dez. 2012.

NOTAS

ⁱ Florisvaldo Pereira Trindade- entrevista realizada em agosto de 2016.

ⁱⁱ Shiguemitsu Sato – entrevista realizada em agosto de 2016.

ⁱⁱⁱ David Nogueira – entrevista realizada em julho de 2016.

^{iv} Alvino Alves de Moraes – entrevista realizada em agosto de 2016.

^v A modernização consistiu na utilização de máquinas, insumos e técnicas produtivas que permitiram a produtividade do trabalho e da terra. A Revolução Verde permitiu um pequeno aumento da oferta per capita mundial de alimentos (NUNES, 2007).

^{vi} David Nogueira – entrevista realizada em julho de 2016.

^{vii} Rezende Macedo Teixeira foi funcionário da Mina Cabaçal e Mineração Manati no setor da contabilidade. Entrevista realizada em agosto de 2016.

^{viii} Miguel Henrique Sobrinho foi funcionário da Minas Cabaçal e Mineração Manati no setor de laboratório das análises. Entrevista realizada em agosto de 2016.

^{ix} Raimundo Bezerra da Silva foi funcionário da Minas Cabaçal e Mineração Manati. Trabalhou dentro da mina subterrânea. Entrevista realizada em agosto de 2016.

^x Elizeu José de Macedo – entrevista realizada em agosto de 2016. Pecuarista no município de Araputanga.

^{xi} Deolino Guimarães Alves – Pecuarista na região, a entrevista foi realizada em julho de 2016.

^{xii} Luiz Antônio Milani – Pecuarista na região. Entrevista realizada em agosto de 2016.